



Polêmica sobre fim do Senado vira uma guerra

A polêmica em torno da instituição do sistema unicameral, o que na prática corresponde a extinção do Senado, promete acirrar os debates nos meios políticos e até mesmo colocar deputados e senadores em confronto, com esses últimos se insurgindo contra os primeiros, os maiores defensores da idéia. Depois de assinalar que a Câmara trabalha pouco, o presidente do Senado, José Fragelli, disse ontem que a casa que preside precisa ser preservada até como meio de corrigir os erros praticados pelos deputados.

Ele acha também que o Senado reúne mais experiência, comedimento, bom-senso e objetividade no exame das questões colocadas em pauta e jamais será impecilho a medidas que digam respeito aos interesses da Nação, como chegaram a suspeitar os deputados que insistem na adoção do sistema unicameral.

Ontem, mais dois senadores reagiram contra a idéia: Nelson Carneiro e Enéas Faria, o primeiro candidato forte à presidência do Senado e o outro, 1º secretário da mesa atual. Carneiro a exemplo do presidente Fragelli, acha que toda vez que há a perspectiva de uma constituinte se alimenta a tese da adoção do sistema unicameral, "mas acaba prevalecendo o bom-senso."

Na sua opinião, o dia em que deixar de existir uma câmara como revisora da outra, terá que ser revisto o critério da representação das bancadas de deputados, sob pena dos maiores estados esmagarem os menores através da força política. Com o Senado, todo Estado tem o mesmo peso de três senadores.

Enéas Faria considera o Senado vital para o funcionamento pleno da democracia, mantendo o equilíbrio e bom-senso que nem sempre prevalece na Câmara. Para ele, vale ainda nesse quadro de avaliação, a tradição histórica e até de vanguardismo dos senadores, que, lembrou, deslançaram a transição para a Nova República.

"Por que não pensam numa coisa mais séria?", indagou Enéas Faria, para quem os donos dessas idéias polêmicas e pouco construtivas deveriam apresentar soluções de talento

para as grandes causas nacionais, como dívida externa, economia, de competência administrativa ou rumos para o País.

Todavia, assinalou que alguns deputados, por serem mais apaixonados, vão acabar provocando o cotejo com os senadores, o que fatalmente prejudicará a imagem do Poder Legislativo, com uma das partes saindo machucada. E para dar exemplo, ensaiou um ataque, dizendo que o Senado tem propostas mais elaboradas, pensadas, não faz projeto eleitoral nem demagógico; se sabe que esbarra na constitucionalidade, desiste. "Somente na prática pode ser considerado conservador, não ideologicamente. E isso se faz necessário na medida em que constantemente se vê obrigado a amarrar e consertar os projetos da Câmara", ressaltou.

O presidente Fragelli também revelou ontem mais uma faceta do seu desagrado com a idéia dos deputados, ao assinalar que idade não quer dizer que o Senado é conservador. E não é, reagiu, lembrando que a prática confirma que os mais moços são mais ambiciosos, querem os melhores salários, mais subsídios, maiores regalias, enquanto os mais velhos têm suas ambições limitadas pela própria experiência."

Durante a reunião da mesa diretora, ontem, quando tratou entre outros assuntos o da concessão dos 25 por cento de aumento aos servidores do Senado, o presidente Fragelli revelou aos senadores que está reunindo números para debater a questão suscitada pelos deputados, pois acha importante preservar a imagem da casa que dirige.

Parte desses números já são conhecidos. No ano passado o Senado encaminhou à sanção presidencial 96 projetos de lei; mandou mais 75 para a revisão da Câmara, emendou seis projetos de deputados, recebeu deles apenas 67 para examinar; e arquivou sete projetos da Câmara.

Na legislatura que se encerra, o Senado teve ainda 19 projetos de lei aprovados por decurso de prazo, convocou a seu plenário três ministros de Estado, promulgou 15 decretos legislativos e aprovou 313 resoluções.